

Afetos em narrativa: Todas as meninas reunidas, vamos lá!¹²

Vanessa Heidemann³

Resumo: O trabalho propõe compreender se os afetos podem ser identificados em uma narrativa midiática. Utilizamos o documentário *Todas as meninas reunidas, vamos lá!* para buscar responder a nossa proposta. O conceito de afeto é o do filósofo Benedictus de Spinoza. Adotamos como procedimento metodológico a Compreensão como Método, desenvolvido por Dimas A. Kunsch e pelo grupo de pesquisa *Da Compreensão como Método*⁴, no qual a pesquisadora está vinculada. Retiramos da obra *Ética*, de Spinoza, os afetos existentes segundo o filósofo e analisamos se eles podem ser identificados nas narrativas presentes no documentário. Concluimos que as três categorias de afetos espinozanos estão presentes nas narrativas analisadas.

Palavras-chave: Comunicação. Afetos. Narrativas. *Todas as meninas reunidas, vamos lá!*

1 Introdução

Benedictus de Spinoza, filósofo do século XVII, desenvolveu o conceito de afeto adotado neste trabalho. Em sua obra *Ética*, Spinoza afirma que há três afetos primários que são responsáveis pela existência de todos os demais.

O desejo (*conatus*), a alegria e a tristeza são afetos encontrados em todos os seres humanos. O desejo é o próprio impulso humano de viver; a alegria aumenta a potência de agir dos indivíduos e, a tristeza, diminui.

Adotar a ideia de afeto no campo científico, por vezes, ainda pode ser um tabu. António Damásio (2004), neurocientista português, afirma que várias ideias de Spinoza foram utilizadas no decorrer da história, porém o filósofo é bem mais famoso do que conhecido.

Na Comunicação encontramos muitas pesquisas relacionadas aos aparatos tecnológicos, com um desenvolvimento vertiginoso. As novas tecnologias geram interesse nos pesquisadores que buscam explicar de que maneira essas novas ferramentas funcionam e/ou influenciam as sociedades.

¹ Artigo apresentado ao Grupo de Trabalho Narrativas contemporâneas nas mídias do XVI Encontro de Pesquisadores em Comunicação e Cultura, realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba, Universidade de Sorocaba – Uniso – Sorocaba, SP, 26 setembro de 2022.

² Este trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

³ Doutoranda em Comunicação e Cultura (Uniso), vheidemann@gmail.com.

⁴ Grupo de Pesquisa da Universidade Metodista de São Paulo.

Para Muniz Sodré, o campo da Comunicação deveria adotar o que ele denomina como *estratégias sensíveis*, ou seja, compreender que existem “jogos de vinculação dos atos discursivos às relações de localização e afetação dos sujeitos no interior da linguagem” (SODRÉ, 2016, p. 10).

Uma prática comum no desenvolvimento filosófico e científico ocidental é a divisão entre *logos* (razão) e *pathos* (paixão). “Nessa dicotomia, a dimensão sensível é sistematicamente isolada para dar lugar à pura lógica” (SODRÉ, 2016, p. 12).

É particularmente visível a urgência de outra posição interpretativa para o campo da Comunicação, capaz de liberar o agir comunicacional das concepções que o limitam ao nível de interação entre forças puramente mecânicas e de abarcar a diversidade da natureza das trocas, em que se fazem presentes os signos representativos ou intelectuais, mas principalmente os poderosos dispositivos do afeto (SODRÉ, 2016, p. 12).

Assim como Sodré, entendemos que os afetos são inerentes aos seres humanos. Portanto, independentemente dos aparatos tecnológicos, as pesquisas sobre os processos comunicacionais devem olhar também para os processos afetivos.

Além dos três afetos principais defendidos por Spinoza, buscamos em sua obra, *Ética*, identificar os afetos que surgem a partir do desejo, da alegria e da tristeza.

Utilizamos como método que guia todo o nosso trabalho, a Compreensão como Método, desenvolvido por Dimas Kunsch e o grupo de pesquisa Da Compreensão como Método, no qual estamos vinculados.

Kunsch argumenta que a compreensão é um abraçar as diferenças, não uma busca para explicar e diferenciar o certo do errado. Compreender envolve o sentir, a alteridade, a interpretação. É um jogo “dialético-dialógico dos saberes” (KUNSCH, 2020, p. 14).

Do grego *méthodos*, sendo *metá*, por meio de; e *hodos*, caminho, o método é todo o caminho que uma pesquisa percorre. Nosso caminho será o de levar em conta que a nossa pesquisa carrega em si a soma, a divisão, a subtração e a multiplicação de nossos próprios afetos.

Assim, os resultados alcançados aqui não devem ser considerados verdades universais, tampouco inverdades. Propomos uma possível (e não única) interpretação da relação entre um processo narrativo com os processos afetivos.

Com o questionamento dos afetos em mente, chegamos ao problema de nosso trabalho: é possível identificar os afetos em uma narrativa midiática?

Para desenvolver nossa proposta, optamos por analisar e interpretar a narrativa do documentário Todas as meninas reunidas, vamos lá! A produção cinematográfica é sobre o projeto social Girls Rock Camp Brasil.

O projeto é voltado para meninas e possui como incentivo a música. Desenvolvido na cidade de Sorocaba, desde 2013, o camp acontece durante uma semana do mês de janeiro, nas férias escolares.

O documentário, dirigido por Carol Fernandes, apresenta cenas de diversas edições do projeto e uma série de entrevistas com as organizadoras, pessoas que integram o voluntariado, pais de campistas e campistas.

Como resultado, conseguimos identificar quais afetos espinosanos aparecem nas narrativas e de que maneira eles integram o projeto social Girls Rock Camp Brasil.

2 Os afetos para Spinoza

Em nosso cotidiano a palavra afeto pode ser utilizada no sentido de amor, carinho, cuidado, afeição etc. Na concepção do filósofo Benedictus de Spinoza, ainda que essas palavras possam ser consideradas tipos de afetos, o afeto é algo mais abrangente.

O filósofo afirma que um ser humano pode ser afetado através da potência das causas exteriores. Existem diversas espécies de afetos e de objetos que podem nos afetar de diferentes maneiras, mais de uma vez.

Pois o corpo humano (pelo post. 1 da P. 2) é composto de um grande número de indivíduos de natureza diferente e pode, portanto (pelo ax. 1 que segue o lema 3, na sequência da prop. 13 da P. 2), ser afetado de muitas e diferentes maneiras por um só e mesmo corpo e, inversamente, uma vez que uma só e mesma coisa pode ser afetada de muitas maneiras, poderá igualmente afetar de muitas e diferentes maneiras uma só e mesma parte do corpo. Por isso tudo, podemos facilmente conceber que um só e mesmo objeto pode ser a causa de muitos e conflitantes afetos (SPINOZA, 2007, p. 111).

Os afetos não são permanentes, há um processo contínuo, passagens entre um afeto e outro que aumentam ou diminuem a potência de agir dos indivíduos. Uma

peessoa pode ser afetada pela tristeza em determinado momento e, posteriormente, ser afetada pela alegria ou vice-versa.

Spinoza, na terceira parte de sua obra, *Ética*, define de forma direta o que considera ser o afeto. “Por afeto compreendo as afecções do corpo, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada, e, ao mesmo tempo, as ideias dessas afecções” (SPINOZA, 2017, p. 98).

Podemos ficar confusos sobre a diferença entre o afeto e a afecção. Gilles Deleuze esclarece que a afecção (*affectio*) costuma ser relacionada ao corpo, enquanto o afeto (*affectus*) costuma ser relacionado ao espírito. Entretanto, o filósofo pontua que a “*affectio* remete a um estado do corpo afetado e implica a presença do corpo afetante, ao passo que o *affectus* remete à transição de um estado a outro, tendo em conta a variação correlativa dos corpos afetantes” (DELEUZE, 2002, p. 56).

Spinoza compreende que um ser humano pode ser afetado de maneiras diferentes, porém defende a existência de três afetos primários que originam todos os demais, sendo eles o desejo (*conatus*), a alegria e a tristeza.

O desejo é considerado o esforço que um indivíduo despense para perseverar seu ser, “é a própria natureza ou essência de cada um” (SPINOZA, 2017, p. 137). Os desejos são “todos os esforços, todos os impulsos, apetites e volições do homem, que variam de acordo com o seu variável estado e que, não raramente, são a tal ponto opostos entre si que o homem é arrastado para todos os lados e não sabe para onde se dirigir” (SPINOZA, 2017, p. 141).

A alegria aumenta a potência do ser humano de agir, ou é a “passagem do homem de uma perfeição menor para uma maior” (SPINOZA, 2017, p. 141). Em contrapartida, a tristeza diminui a potência do ser humano de agir, ou “é a passagem de uma perfeição maior para uma menor” (SPINOZA, 2017, p. 141).

O pensador defende que é impossível determinar o número de afetos existentes, pois existem muitas variações. Apesar de reconhecer a existência de apenas três afetos primários (alegria, tristeza e desejo), demonstra que existem outros afetos que derivam deles (Tab. 1).

Tabela 1- Tipos de afetos para Spinoza

Desejo	Alegria	Tristeza
Saudade	Amor	Desprezo

Emulação	Adoração	Ódio
Agradecimento	Atração	Aversão
Benevolência	Escárnio	Medo
Ira	Esperança	Desespero
Vingança	Segurança	Decepção
Crueldade	Gáudio	Comiseração
Temor	Reconhecimento	Indignação
Audácia	Consideração	Desconsideração
Covardia	Misericórdia	Inveja
Pavor	Satisfação	Humildade
Cortesia	Glória	Arrependimento
Ambição	-	Soberba
Gula	-	Rebaixamento
Embriaguez	-	Vergonha
Avareza	-	-
Luxúria	-	-

Fonte: Heidemann, 2022.

Podemos dizer que os afetos são processos contínuos que auxiliam os indivíduos a desenvolver suas ações perante a existência.

Nossos afetos são transmitidos por meio de nossa linguagem? Spinoza afirma que falamos e agimos por conta de nossas lembranças, que são acumuladas em nossa mente. “Não podemos, pela decisão da mente, fazer qualquer coisa sem que dela tenhamos uma lembrança prévia” (SPINOZA, 2017, p. 103).

Assim, os afetos podem ser observados nas diversas narrativas que são construídas no documentário *Todas as meninas reunidas, vamos lá!*

3 A narrativa de *Todas as meninas reunidas, vamos lá!*

O documentário *Todas as meninas reunidas, vamos lá!*, lançado em 2017 e dirigido por Carol Fernandes, é uma narrativa que nasce dentro do contexto do projeto social *Girls Rock Camp Brasil*.

O *Girls Rock Camp Brasil* é um acampamento diurno, sem fins lucrativos, desenvolvido para empoderar, por meio da música e de oficinas, meninas entre 7 e 17 anos. É realizado desde 2013, na cidade de Sorocaba, São Paulo, com o auxílio de pessoas de várias regiões do Brasil e até mesmo de outros países, que participam como voluntárias.

As pessoas interessadas em participar do voluntariado realizam uma inscrição por meio de um formulário online. Nem todas as interessadas precisam ter conhecimento musical, pois existem várias funções que podem ser divididas da seguinte maneira:

(a) gestão artística: inclui as vagas para instrutoras de instrumentos (vocal, guitarra, baixo, bateria e teclado), produtora musical, gestão musical e mestra de cerimônias; (b) logística: com atividades de registro fotográfico e audiovisual, técnica de som, roadie, recepção, credenciamento e banquinha, equipe de alimentação (vegana) e de limpeza; e (c) capacitação: através da qual as voluntárias podem se inscrever para oferecer oficinas de produção de *fanzine* e artwork, defesa pessoal, imagem e identidade, palco e performance, serigrafia (camisetas), composição, além de poder enviar a proposta de um workshop inédito (GUERRA et al., 2017, p. 8-9).

O projeto “é uma atividade dedicada ao empoderamento e protagonismo de meninas e dissidências, através da música, da arte e do pensamento crítico!” (GIRLS ROCK CAMP BRASIL, 2018). O “*Girls Rock Camp* apresenta, para uma nova geração, uma comunidade de mulheres que atuam como protagonistas, resistindo ativamente à subordinação cultural e trabalhando para promover uma mudança social a partir da música” (GUERRA et al., 2017, p. 3).

Com 1h20 de duração, o documentário *Todas as meninas reunidas, vamos lá!*, apresenta entrevistas com as organizadoras, voluntárias, pais das campistas e campistas do projeto social *Girls Rock Camp Brasil*. A maior parte das imagens foi capturada por voluntárias que atuaram na equipe de registro do evento ao longo dos anos.

O documentário foi distribuído pela Paris Filmes e exibido em São Paulo no Espaço Itaú (Frei Caneca), em Sorocaba no Cineplay e em Porto Alegre no Cinespaço

Wallig. O lançamento em Sorocaba teve a bilheteria esgotada, e sua projeção foi estendida por mais uma semana (ALCÂNTARA, 2018).

Observamos que o título do documentário faz parte da música que as campistas cantam no decorrer da semana, o Hino do Girls Rock Camp Brasil. O hino aparece em vários momentos da produção cinematográfica, destacamos a seguinte parte: “lugar de se divertir, lugar de aprender, onde eu posso fazer o meu sonho acontecer. Muita amizade, música e diversão, toda atitude do meu coração. Todas as meninas reunidas, vamos lá!”.

O início do documentário apresenta várias meninas reunidas na quadra de uma escola, local em que o evento é realizado. Uma das participantes, uma menina aparentando ter uns 9 ou 10 anos, diz em um microfone: “Oi, eu sou a Anita. Quando eu toquei a guitarra parecia que eu já toquei um som. Eu achei bonito quando eu toquei”. Sua fala gera aplausos e gritos de apoio e incentivo entre as campistas e entre as pessoas do voluntariado.

Em seguida alguns relatos de campistas são apresentados. Observamos que muitas narram que já participaram do projeto em edições anteriores e que alimentam o desejo de participar novamente nos próximos anos.

Uma das campistas, de aproximadamente 7 ou 8 anos, pergunta se pode compartilhar o que aprendeu durante a sua participação no projeto.

Eu posso falar sobre o que eu aprendi no camp? Eu aprendi que as mulheres, elas podem fazer o que elas quiserem, porque não são só os homens que podem fazer. Tipo, andar de skate, fazer grafite, tocar rock. As mulheres também podem e daí a gente faz isso e é bem divertido, bem legal.

Outra participante compartilha que o projeto é muito mais do que aprender a tocar instrumentos, as meninas também aprendem a trabalhar em equipe e a fazer música. Encerra sua fala dizendo que ela e as demais campistas ganham muito por participar das atividades.

Flávia Biggs, diretora e idealizadora do Girls Rock Camp Brasil, explica que muitas vezes é questionada se é mesmo possível que as campistas aprendam a tocar um instrumento em uma semana. Segundo a educadora, “é exatamente essa a mágica do projeto”.

Biggs narra que durante uma semana as meninas aprendem a tocar “guitarra, baixo, bateria, voz e teclado. Montam uma banda, compõem uma canção autoral e fazem um show ao vivo”. As campistas possuem a oportunidade de “viver a experiência de ter uma banda, desenvolver a autoestima, empoderando e desenvolvendo o protagonismo infanto-juvenil feminino”.

Marianne Crestani, que faz parte do voluntariado do projeto desde a primeira edição, conta que “o camp é colocar o feminismo na prática, porque é uma semana que você pratica a sororidade, solidariedade entre as pessoas”.

Complementando a fala de Crestani, vemos algumas cenas do ensaio da banda Roller Girls, criada pelas campistas da edição de 2016. Na letra de sua música autoral elas dizem: “O que queremos? Direitos! Liberdade e diversão!”.

Flávia compartilha que a sua relação com a música começou aos 13 anos de idade, quando ganhou uma guitarra de presente de aniversário. Posteriormente integrou a banda Dominatrix e The Biggs, com quem toca até os dias atuais.

Seu envolvimento com as causas sociais está relacionado à sua formação como socióloga, com a militância feminista e a crença no poder da educação para transformar a sociedade em um lugar que promova uma quantidade menor de diferenças e injustiças.

Durante uma turnê na Europa, com a banda Dominatrix, a educadora conheceu a baterista da banda The Haggard. STS trabalhava como voluntária no projeto Rock N’ Roll Camp For Girls em Portland, Estados Unidos, e comentou do projeto com as integrantes da banda da Flávia.

Após essa turnê europeia, a banda Dominatrix recebeu um convite para fazer shows nos Estados Unidos, em 2003. STS convidou as integrantes da banda para conhecer o espaço do projeto Rock N’ Roll Camp For Girls, que acontecia em Portland desde 2001. Flávia conta que quando conheceu o Camp For Girls não acreditou que existia um lugar que unisse a música com o feminismo.

Em 2005, Biggs voltou para Portland para ser voluntária como instrutora de guitarra e produtora musical. Ela descreve essa experiência como sendo “a experiência mais incrível do mundo”.

Ao retornar para o Brasil, decidiu criar uma oficina de guitarras para meninas que atendia em média 20 participantes. Em 2012 foi convidada para dar a oficina de guitarra em São Paulo, no festival Emancipar Fest.

O festival também ofereceu oficinas de baixo, com a baixista da The Biggs, Mayra, e oficina de bateria com Helena Krausz, integrante da banda Anti-Corpos. A partir dessa experiência, Flávia percebeu que poderia tentar unir essas instrutoras e organizar o primeiro camp brasileiro.

O primeiro Girls Rock Camp Brasil aconteceu em 2013, em Sorocaba, interior de São Paulo, no prédio da escola em que Biggs lecionava. O projeto foi possível, pois emprestou a maior parte dos instrumentos e equipamentos, cedidos por pessoas da cidade de São Paulo.

Flávia afirma que o Girls Rock Camp Brasil uniu coisas muito importantes em sua vida, a militância feminista, questões da sociedade, de justiça social, a música, o feminismo e o punk.

A primeira edição de 2013 ofereceu 60 vagas para as campistas, formando 10 bandas com 6 integrantes. Em 2017, sexto ano do projeto, foram abertas 90 vagas, com a formação de 15 bandas com 6 integrantes em cada grupo.

A voluntária Marita diz que o projeto não é apenas sobre ensinar, mas que ela também aprende muito durante todo o processo. Helena Krausz compartilha que a bateria salvou sua vida e que é muito significativo poder compartilhar seu conhecimento com outras meninas.

As edições do projeto foram realizadas, na maioria das vezes, nos espaços de escolas estaduais de Sorocaba durante o período das férias escolares de janeiro. Todos os materiais são transportados pelas voluntárias, as escolas são montadas com todos os equipamentos e decoradas com imagens de bandas que possuem mulheres como integrantes e frases de incentivo como: “Você pode ser o que quiser”.

Em todas as edições a organização do projeto oferece um treinamento para todo o voluntariado explicando cada função, o cronograma de atividades e a dinâmica de cada dia. As organizadoras relatam que no decorrer dos anos houve um aumento no interesse do voluntariado para as funções mais técnicas como a de *roadies*⁵ e técnicas de mesa.

Crestani comenta que é muito bom ver esse interesse, pois como possui envolvimento com o cenário musical, sempre foi *roadie* e que isso sempre causou

⁵ Equipe responsável por montar e desmontar os equipamentos musicais dos shows.

espanto nas pessoas por ser uma função que envolve carregar peso e conhecimento técnico.

Na fala das pessoas entrevistadas do voluntariado fica constatado que há uma escassez de mulheres nessas funções mais técnicas no âmbito musical. As pessoas do voluntariado que possuem alguma experiência nessas áreas compartilham com as demais o que sabem, criando uma rede de apoio e incentivo entre elas.

Biggs diz que sempre é questionada por quais motivos o projeto é um espaço exclusivo para meninas. Ela afirma que “num espaço exclusivo as exigências de comportamento são diferentes”. As meninas sentem maior liberdade para serem quem são e percebem que podem confiar sem precisar competir.

Crestani reforça que um ambiente só com meninas e mulheres é um ambiente seguro, não há o risco de meninos ou homens interferirem nos processos das meninas como acontece em outros lugares.

As voluntárias Marita e Krausz afirmam que a diversidade presente no voluntariado do projeto mostra para as meninas que diversos padrões de corpos e vestimentas existem. Krausz reforça que muitas meninas não entram em contato com esses padrões nem mesmo na televisão.

A campista Sabrina, de 16 anos, divide que no começo sentiu vergonha de conversar com as outras meninas, porém isso foi mudando no decorrer da semana. Para ela, o camp “mostra o quanto a gente é forte, o quanto a gente consegue, que é só persistir. Se você persistir, vai conseguir o que quer. É bom reunir as garotas para trocar ideias e fazer um som que a gente gosta. É muito legal isso”.

Lídia Campos, voluntária no projeto, explica que as meninas observam de que maneira as adultas interagem entre si e que isso também auxilia no processo de empoderamento das campistas.

Há relatos de voluntárias e de mães de campistas que afirmam que gostariam de ter essa oportunidade quando eram crianças, pois assim compreenderiam mais cedo que mulheres são capazes de tocar instrumentos e realizar atividades, que muitas vezes, são socialmente consideradas masculinas. Destacam também, que o projeto demonstra que as mulheres não são inimigas ou rivais umas das outras.

O documentário pontua que, durante a semana em que o projeto acontece, alguns conflitos surgem entre as campistas, porém as voluntárias demonstram para as meninas

a importância do diálogo, de respeitar as opiniões diferentes. As próprias campistas mudam de atitude e começam a apoiar e a fortalecer as colegas.

Para a campista Biga a palavra que define o projeto é amizade. O documentário mostra um trecho do ensaio da banda da campista, Rainbow Juice, as integrantes cantam: “Coragem e atitude é tudo que preciso. Eu, você, juntas nisso!”.

O documentário acaba com imagens do voluntariado e campistas cantando o hino do projeto, em uma casa de eventos de Sorocaba, onde os shows costumam acontecer. Entre lágrimas, sorrisos e abraços elas cantam: Todas as meninas reunidas, vamos lá!

4 Os afetos em Todas as meninas reunidas, vamos lá!

Para analisar as possíveis relações entre os afetos na narrativa do documentário utilizamos como procedimento metodológico a Compreensão como Método.

O método da compreensão busca desenvolver um olhar que possa compreender, inclusive, a própria incompreensão perante os fenômenos que sondam a existência humana. Compreender é mais que analisar e explicar, é uma “prática da relação com a alteridade” (KUNSCH, 2020, p. 19). Assim, a compreensão

leva em conta o esforço humano de compreensão, de inclusão, de soma mais que de subtração, cultivado em ambientes espirituais em que o instrumental, o técnico e o objetivo - com respeito e o crédito que merecem - precisam, sim, ser convocados a conversar com os jogos de sentidos que às vezes a eles se contrapõem, os interrogam, deles se diferenciam e a eles podem enriquecer. E isso, preferencialmente, deve se dar no território da interpretação, do diálogo e daquele prazer lúcido a que se referia Epicuro, em sua defesa exigente da *philia* (KUNSCH, 2020, p. 11).

Como afirma Kunsch (2020, p. 19), a compreensão é “o lugar do sentido, o signo que resta da experiência da comunicação como fenômeno estético”. Essa perspectiva nos seduz, pois adotamos a interpretação de que as narrativas são mediadoras das experiências. Pois “produzem parte da cultura, assim como são produtos culturais, já que materializam singularidades perceptivas acerca dos fenômenos experimentados pelo homem, na relação com o seu meio e com o seu imaginário” (SANTOS; SILVA, 2015, p. 1).

Possuem um importante papel de mediação, sobretudo à medida que ajudam a identificar, selecionar e interpretar os fatos, além de serem uma possibilidade para organizar, analisar, criticar, subverter, transformar e até substituir a experiência concreta (SANTOS; SILVA, 2015, p. 1).

Paul Ricoeur (2010b) afirma que não dá para imaginar a existência de uma cultura que não saiba o significado do que seja narrar. Isso ocorre "porque estamos no mundo e somos afetados por situações tentamos nos orientar nele pela compreensão e temos algo a dizer, uma experiência para trazer para a linguagem e para compartilhar" (2010a, p. 133).

O pensador compreende que há “uma variedade quase infinita de expressões narrativas (orais, escritas, gráficas, gestuais) e de classes narrativas (mitos, folclore, fábula, romance, epopeia, tragédia, drama, filme, história em quadrinhos, sem falar da história, da pintura e da conversação)” (RICOEUR, 2010b, p. 52).

Narramos as ações pelas quais passamos, nossas experiências que ocorrem em determinado tempo (época) e lugar (espaço). As narrativas surgem dentro de um contexto, abarcando os processos históricos, sociais e culturais dos indivíduos que narram.

Buscamos identificar de que maneira os afetos catalogados por Spinoza, em sua obra *Ética*, aparecem nas narrativas das participantes do documentário. Como afirma Ricoeur (2010b), as narrativas também são constituídas pela gestualidade e oralidade.

Podemos observar que os afetos apresentados nas narrativas do documentário *Todas as meninas reunidas, vamos lá!*, apresentam uma quantidade maior de afetos relacionados ao desejo (*conatus*) e à alegria, porém também observamos a presença da tristeza.

A partir dos afetos que são desdobramentos do desejo, conforme o pensamento de Spinoza, identificamos na narrativa do documentário a saudade, a emulação, o agradecimento, a benevolência e a cortesia.

Para Spinoza (2017, p. 148) a saudade “é o desejo, ou seja, o apetite por desfrutar de uma coisa, intensificado pela recordação desta coisa e, ao mesmo tempo, refreado pela recordação de outras coisas, as quais excluem a existência da coisa apetecida”.

Observamos a presença da saudade durante várias passagens do documentário. Destacamos especialmente as falas de Flávia Biggs sobre seu primeiro contato com a música, decorrente de uma guitarra que ganhou de presente, ainda quando criança. É possível identificar esse afeto nas falas do voluntariado, quando o assunto perpassa pelo início de suas experiências com a música e a criação de suas primeiras bandas.

A emulação “é o desejo e uma coisa que se produz em nós por imaginarmos que outros têm o mesmo desejo”. O voluntariado narra em diversas passagens de que maneira as pessoas envolvidas no projeto as auxiliam, pois elas percebem que existem mais pessoas que acreditam e defendem os mesmos ideais de justiça social e empoderamento feminino.

O agradecimento “é o desejo ou empenho de amor pelo qual nos esforçamos por fazer bem a quem, com igual afeto de amor, nos faz bem” (SPINOZA, 2017, p. 149). O projeto gera uma rede de apoio mútua que permanece mesmo após o término de cada edição. As mães das campistas comentam que são gratas pela oportunidade que suas filhas possuem em ter uma oportunidade que elas gostariam de terem tido no passado.

A benevolência “é o desejo de fazer bem àquele por quem temos comiseração” (SPINOZA, 2017, p. 149). As pessoas que integram o voluntariado demonstram que estão dispostas a oferecer oportunidades para as novas gerações de mulheres, pois buscam romper com os preconceitos sociais, que elas mesmas passaram e passam, em uma sociedade que ainda rotula “o lugar da mulher”.

Em relação à alegria observamos que os afetos que surgem no decorrer do documentário são o amor, a atração, a adoração, a esperança, a segurança, o gáudio, o reconhecimento, a misericórdia e a satisfação.

Amor para Spinoza (2017, p. 142) é “uma alegria acompanhada de uma causa exterior”. O amor observado no documentário está relacionado à música e ao próprio projeto que possui uma potência visível de transformar a sociedade.

A atração “é uma alegria acompanhada da ideia de uma coisa que, por acidente, é causa da alegria” (SPINOZA, 2017, p. 143). Visualizamos a atração nas narrativas tanto do voluntariado quanto das campistas, ao perceberem que podem desenvolver atividades distintas (desenvolver trocas de conhecimentos, tocar instrumentos, andar de skate etc.), que nem imaginavam ser possível.

A adoração “é o amor por aquele a quem admiramos” (SPINOZA, 2017, p. 143). A adoração surge em torno da música, do projeto e das pessoas que dedicam seu tempo para compartilhar seus conhecimentos e sonhos.

A esperança “é uma alegria instável, surgida da ideia de uma coisa futura ou passada, de cuja realização temos alguma dúvida” (SPINOZA, 2017, p. 143). A mudança social, perante um mundo ainda cheio de preconceitos, surge em forma de esperança nas falas do voluntariado, organizadoras e mães de campistas.

A segurança “é uma alegria surgida da ideia de uma coisa futura ou passada, da qual foi afastada toda causa de dúvida” (SPINOZA, 2017, p. 144). Esse afeto aparece quando as integrantes do projeto percebem que estão em um espaço seguro, pois podem desenvolver suas potencialidades sem o medo da interferência dos homens.

O gáudio “é uma alegria acompanhada da ideia de uma coisa passada que se realizou contrariamente ao esperado” (SPINOZA, 2017, p. 144). Percebemos o gáudio, principalmente nas falas das pessoas adultas, pela existência de um espaço que não existia anteriormente. Também observamos esse afeto na fala da participante, que no começo da semana estava tímida, mas que ficou cada vez mais confortável com o espaço e colegas.

O reconhecimento “é o amor por alguém que fez bem a um outro” (SPINOZA, 2017, p. 145). A presença do reconhecimento é percebido em grande parte das falas do voluntariado, pais das campistas e das próprias campistas.

A misericórdia “é o amor à medida que o homem é afetado de tal maneira que se enche de gáudio com o bem de um outro e, contrariamente, se entristece com o mal de um outro” (SPINOZA, 2017, p. 145). Percebemos a presença desse afeto nas falas das mães, do voluntariado e organizadoras sobre a oportunidade que as novas gerações de meninas possuem ao participar do projeto.

A satisfação “é uma alegria que surge porque o homem considera a si próprio e a sua potência de agir” (SPINOZA, 2017, p. 146). Fica evidenciado que as pessoas envolvidas no projeto percebem suas potências e de que maneira elas podem ser desenvolvidas durante as experiências proporcionadas pelo camp.

Sobre os afetos decorrentes da tristeza observamos a presença da decepção e da comiseração nas falas do voluntariado e das mães das campistas.

Para Spinoza (SPINOZA, 2017, p. 144) a decepção “é uma tristeza acompanhada da ideia de uma coisa passada que se realizou contrariamente ao esperado”. A decepção surge nas falas sobre as diferenças de tratamento que as mulheres e homens continuam recebendo, mesmo no século XXI.

A comiseração “é uma tristeza acompanhada da ideia de um mal que atingiu um outro que imaginamos ser nosso semelhante” (SPINOZA, 2017, p. 145). Esse afeto surge no mesmo contexto da decepção.

5 Considerações finais

Os afetos podem ser observados nas diversas narrativas que são construídas no documentário?

O desejo na perspectiva espinosana está relacionado à vontade de preservar o próprio ser, a partir dele surgem outros tipos de afetos. Nas narrativas do documentário identificamos a presença da saudade, a emulação, o agradecimento, a benevolência e a cortesia.

A alegria é o afeto que aumenta a potência de agir. Spinoza (2017, p. 121) afirma que “como nos alegamos por termos afetado de alegria um de nossos semelhantes, consideramos a nós próprios com alegria”. Essa afirmação espinosana fica evidente no decorrer das entrevistas.

O amor, a atração, a adoração, a esperança, a segurança, o gáudio, o reconhecimento, a misericórdia e a satisfação, afetos que possuem origem na alegria, aparecem nas falas das organizadoras, do voluntariado, pais das campistas e campistas.

Podemos afirmar que o desejo e alegria também aparecem na letra do hino do projeto: “lugar de se divertir, lugar de aprender, onde eu posso fazer o meu sonho acontecer. Muita amizade, música e diversão, toda atitude do meu coração. Todas as meninas reunidas, vamos lá!”.

A tristeza é o afeto que diminui a potência de agir. Em seu desdobramento identificamos no documentário a presença da decepção e da comiseração. Esses afetos surgem na constatação das diferenças no tratamento social que as mulheres recebem, desde o passado até os dias atuais.

Interpretamos que haja uma presença maior do desejo e da alegria nas narrativas do documentário, pois o projeto social Girls Rock Camp Brasil oferece um

lugar seguro para as meninas expressarem o que sentem, elas são incentivadas a desenvolverem suas potencialidades. Esse processo transforma a confiança que as participantes possuem sobre as próprias capacidades, modificando o comportamento delas, não apenas durante o acampamento, mas também depois.

Como afirma Spinoza, os indivíduos sempre buscam os afetos que os compõem, que preservam o seu ser. “Esforçamo-nos por fazer com que se realize tudo aquilo que imaginamos levar à alegria; esforçamo-nos, por outro lado, por afastar ou destruir tudo aquilo que a isso se opõe, ou seja, tudo aquilo que imaginamos levar à tristeza” (SPINOZA, 2017, p. 117). Esse processo pode explicar o retorno do voluntariado e das campistas em edições posteriores.

Há uma troca, o voluntariado empodera as campistas, as campistas empoderam as voluntárias e vínculos são formados, criando uma rede de pessoas que lutam por uma sociedade melhor. Assim, o *conatus* não é apenas individual, mas também é coletivo.

O camp promove segurança, amizade, companheirismo, apoio, empoderamento, liberdade de expressão e novos conhecimentos. Fica nítido, por meio das narrativas do documentário, que a potência de agir de quem participa do projeto é aumentada.

Percebemos nas falas das organizadoras do Girls Rock Camp Brasil de que maneira os seus próprios afetos estão relacionados com as suas participações no projeto.

Em relação às voluntárias, observamos que muitas relatam de que maneira a experiência de fazer parte do projeto modificou suas vidas. A voluntária Marita expressa que após participar do camp percebeu a força da educação e resolveu ir trabalhar na área.

As campistas, por sua vez, apresentam mudanças de comportamento no decorrer do ano, tornam-se meninas mais confiantes. As mais velhas auxiliam as mais novas durante a semana e há um apoio mútuo.

Biggs relata que ao encontrar com ex-campistas percebe de que maneira o projeto afetou suas falas e comportamentos. As meninas acabam desenvolvendo mais confiança em relação às suas capacidades.

Em uma passagem do documentário, durante o treinamento, Flávia compartilha com as voluntárias que na semana seguinte da edição do Girls Rock Camp Brasil realizado em Sorocaba, aconteceria a primeira edição do Girls Rock Camp Porto Alegre.

A primeira edição do Girls Rock Camp Porto Alegre foi realizada em 2017. O projeto começou a ser planejado em 2015, “encabeçado pela musicista Liege Milk, após várias oficinas de bateria para meninas e experiências no acampamento de Sorocaba” (GUERRA et al., 2017, p. 8).

O Girls Rock Camp Brasil também influenciou outras voluntárias que desenvolveram o Chicas Amplificadas, na Argentina, e o Girls Rock Camp Curitiba. Todos os projetos integram o Girls Rock Camp Alliance, organização internacional que oferece recursos e espaços para o desenvolvimento da justiça social.

Narramos nossas ações que estão inseridas dentro de contextos sociais, históricos e culturais. Todas as meninas reunidas, vamos lá!, narra as experiências e transformações de meninas e mulheres que participaram das edições do projeto social Girls Rock Camp Brasil.

Não era nossa pretensão esgotar e identificar todas as falas e cenas que apresentassem a manifestação de algum afeto espinosano. Entretanto pensamos ter apresentado exemplos suficientes para responder nosso questionamento inicial.

Defendemos que os afetos podem ser observados e identificados na narrativa do documentário Todas as meninas reunidas, vamos lá!

Referências

ALCÂNTARA, Bárbara. “Todas As Meninas Reunidas, Vamos Lá!”: documentário produzido por mulheres conta a história do Girls Rock Camp Brasil! **Delirium Nerd**, 17 jan. 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3ddiABh>. Acesso em: 19 ago. 2022.

DAMÁSIO, António. **Em busca de Espinosa: prazer e dor na ciência dos sentimentos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

DELEUZE, Gilles. **Espinosa: filosofia prática**. São Paulo: Escuta, 2002.

GIRLS ROCK CAMP BRASIL. **O que é?**, c2018. Página inicial. Disponível em: <https://bit.ly/3dij7lf>. Acesso em: 22 ago. 2022.

GUERRA, Paula et al. Tecnologias musicais, materialidades artísticas e ativismo feminino: o caso do *Girls Rock Camp* Porto Alegre. In: Encontro Anual da Compós, 26., 2017, São Paulo. **Anais eletrônicos XXVI Encontro Anual da Compós**. São Paulo, 2017. p. 1-18. Disponível em: <https://bit.ly/3qrvj4W>. Acesso em: 18 jun. 2022.

KUNSCH, Dimas A. **Compreender: indagações sobre o método**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2020.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa:** a intriga e a narrativa histórica. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010a.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa:** a configuração do tempo na narrativa de ficção. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010b.

SILVA, Míriam Cristina Carlos; SANTOS, Tarcyanie Cajueiro. Peregrinação, experiência e sentidos: uma leitura de narrativas sobre o Caminho de Santiago de Compostela. In: **E-Compós**, Brasília, v.18, n. 2, mai./ago. 2015. p. 1-15. Disponível em: <https://bityli.com/CsmiEbP>. Acesso em: 19 ago. 2022.

SODRÉ, Muniz. **As estratégias sensíveis:** afeto, mídia e política. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.

SPINOZA, Benedictus de. **Ética**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

TODAS as meninas reunidas, vamos lá!. Direção de Carol Fernandes. São Paulo: Amora Filmes / Paris Entretenimento, 2017. 1 filme (80 min.).

Agradecemos à Carol Fernandes, diretora do documentário, por disponibilizar o acesso à produção em seu arquivo pessoal.